

SOCIEDADE

Na garagem, carros e... Galinhas

Tendência assumidamente nostálgica de criar as aves cresce em São Paulo, seguindo exemplo de outros países

Vitor Hugo Brandalise

Entre as 210 casas de um condomínio fechado no Morumbi, zona sul da capital, um exemplo claro do contraste entre campo e cidade – e também da tentativa de fugir do caos, de um retorno a tempos mais simples. No espaço entre um Ford Fiesta e uma EcoSport, há uma chocadeira eletrônica, com capacidade para 30 ovos, dentro da qual, em cerca de três semanas, as aves nascerão. As aves: galinhas – são cerca de 20 que nascem e crescem a cada dois meses no incomum criadouro, uma casa de 450 metros quadrados, em bairro nobre. É obra da

advogada Cláudia Regina Rodrigues, criadora, por hobby, de ninhadas e ninhadas de impropriáveis galináceos urbanos.

Criadas no quintal, no rústico galinheiro de madeira, nos fundos da casa da avó, da tia, dos pais no interior. Criadas no sítio. E, agora, de forma tímida, mas com crescimento constante, dentro de grandes capitais. Em São Paulo, o número de pontos cresce. Cláudia mantém galinhas em casa como passatempo, Adilson precisa delas para lembrar da terrinha, Ana Maria as vê como terapia. E a Associação Brasileira de Criadores de Aves (ABC Aves) informa que, na capital, a venda de ca-

sais ou ternos (duas galinhas, um galo) para criação doméstica nunca foi tão grande – 780 entre janeiro e outubro, enquanto, cinco anos atrás, o número não passou de 312.

Algo modesto, em comparação com os 2,5 milhões de cães e gatos mantidos em residências na capital. Mas criar galinhas, acredite, é tendência em diversos países ocidentais. Nos Estados Unidos, há dezenas de livros sobre o tema, além de cinco fóruns na internet (no site *Bachyardchickens.com*), nos quais 40 mil membros trocam experiências. Na Europa, somente em 2009, foram vendidos 240 mil Eglus – viveiros coloridos

de design moderno, criados especificamente para abrigar galinhas de quintal –, número que triplica a cada ano desde o lançamento, em 2004, quando foram vendidas mil unidades.

No Brasil, até aqui, o que há são manuais de criação doméstica, elaborados por universidades. “Com o inchaço populacional, os criadores domésticos devem se estabelecer em municípios próximos das grandes cidades, pontos procurados pela tranquilidade e possibilidade de quintais maiores”, afirma o presidente da ABC Aves, João Germano de Almeida. “É o perfil que identificamos, com crescimento ligado à difusão da

ta naturalista, que prega criar ou plantar o que se consome.”

O hábito, classificado em terras americanas como “estranho eco-hábito, em movimento por toda a América do Norte”, também é explicado por psicólogos como um reencontro. Além do sonho de uma casa no campo, o cidadão quer hábitos do campo. “Vivências progressivas definem as escolhas das formas de escape da pessoa, que lembra de momentos simples, recordando a infância, os avós, ou imagens de livros”, diz a psicóloga Hannelore Fuchs, especialista na relação homem-animal.

Em avícolas, o movimento é aos poucos percebido. “Parece

mudança de perfil. Antes, vinha menos gente e comprava mais galinhas. Agora, vem mais gente, que compra menos”, diz o empresário Leonardo Souza, dono de uma avícola próxima à Serra da Cantareira, ponto procurado para criação das aves.

Algo adormecido que, de repente, volta. “Ver a galinha cisando no quintal é retorno imediato à infância”, relata a psicóloga Janete Neves, de 55 anos, moradora da Vila Alpina, zona leste. Ela é proprietária desde 2 de novembro de uma galinha caipira chamada Cremilda. “E tem os ovos, vermelhinhos...” Abaixo, histórias rurais de criadores bem urbanos. ●

Tudo começou após trauma

>>>Doze pintinhos assados dentro de uma caixa de papelão. A criação de galinhas da advogada Cláudia Regina Rodrigues, de 45 anos, começou com um trauma: ela transportava a dúzia de pequenos penos para a chácara da família, em São Roque, quando o sol os levou, sem pena, a destino cruel. “Quando vi os 12 pequeninos mortos, comecei a chorar. E decidi que faria melhor”, ela conta, na garagem de casa, ao lado da chocadeira que aquece 30 novas crias. Cláudia é, certamente, a única detentora de galinhas do condomínio fechado onde mora, no Morumbi. Para evitar problemas com vizinhos, seus dois galos – belos exemplares de Brahma Buff, com 2 e 3 anos – dormem em caixa coberta, com grossa capa plástica. “Mas, mesmo quando cantam, não é incômodo, não”, diz o vizinho, o empresário Joaquim Judé. “Dá um clima rural nesse ponto tão urbano.” De dois em dois meses, parte da criação de Cláudia é levada para São Roque. “Mantenho aqui sempre quatro ou cinco adultas, para alegrar o dia a dia.”



VALÉRIA GONÇALVES/AE



LEONARDO SOARES/AE

Criação cura saudade da Bahia

>>>Por quase 30 anos, a cada viagem para a terra natal, o metalúrgico Adilson Araújo Santiago, baiano de Santo Antônio de Jesus, voltava para São Paulo “com a cabeça cheia”. “Ficava dois meses se lamentando. Só falava em voltar a morar na Bahia, era difícil distrair o homem”, conta a mulher, Ester. Foi só mudar para um sobrado na Casa Verde, zona norte, que a vida mudou – viu, no quintal atrás da casa, uma chance de recriar sua terra. Plantou um coqueiro, improvisou poleiros e comprou 20 galinhas caipiras. Hoje, são 50, a produzir duas dúzias de ovos por dia. E é tudo passatempo. Santiago não mata nem come nenhuma galinha. Importa é os ovos. “Sou conhecido na firma como ‘homem dos ovos’. Sempre querem que eu leve alguns. Por isso, não dou bandeira, senão não sobra nada”, diz o metalúrgico de 60 anos que, hoje, não quer mais sair da capital. “Meu irmão até ofereceu casa na Ilha de Itaparica, mas agora minha vida é toda aqui”, diz, empoleirado na escada do galinheiro, com tigela de ração na mão.

Zazá, Zorro e Zizi servem de terapia

>>>Em nove meses, duas torres residenciais surgiram em frente à fileira de sobrados de uma calma rua no Cambuci, região central da capital, recentemente redescoberta pelo mercado imobiliário. Fizeram sombra para a vizinhança inteira. E também para Zazá, Zizi e Zorro, que perderam o sol da manhã. “Parece que ficaram mais acobalhadas”, diz a auxiliar de escritório Ana Maria Rodrigues, de 41 anos, ciente das dificuldades existentes em manter um galinheiro entre os prédios. “Mas não importa. O que vale é o bem que fazem.” Zazá, Zizi e Zorro – Z, Z e Z. Eis a fórmula doméstica para alegrar a vida de Ana Maria, que começou a criar penosas a título de distração e terapia. Portadora de uma fibromialgia (tipo de reumatismo, causador de dores musculares crônicas), Ana Maria diz que alimentar, buscar os ovos e fazer carinho nos “bebês” ajudam a aliviar as dores. “Para mim, são bichos de estimação, com crista bonita e penas macias. Subo a escada até o galinheiro sem nem pensar, porque sei que lá vou ter paz.”



JOSÉ LUIS DA CONCEIÇÃO/AE



VALÉRIA GONÇALVES/AE

Só Negão fica longe da panela

>>>De repente, gatos em cima do muro, lambendo os beiços, e gaviões de até 60 centímetros dando rasantés no quintal. Sinal de que atrativo há. Numa área escondida atrás da casa do economista e gerente de banco Valdecir Guedes Vieira, no bairro do Mandaqui, ele cria cerca de 60 galinhas e galos – todos Índios Gigantes, com pernas longas e finas, de peito estufado e pouca gordura na carne. É caso típico de produção doméstica para consumo próprio, única permitida por lei em zona urbana na capital (a exemplo de todas as histórias desta página). Uma vez por mês, na casa dos Guedes Vieira, tem galinha caipira cozida, servida na mesa encimada por gravuras de Galos de Barcelos, símbolo de prosperidade em lares de portugueses. “A única exceção é meu galo, o Negão, que não vai para a panela de jeito nenhum”, diz, segurando a ave. Em casa com vizinhos para todo lado, não poderiam faltarem imprevistos – a piscina da casa de trás vive cheia de penas, carregadas pelo vento. “Sorte que é do meu irmão...”